REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 291

21 DE JANEIRO 1887

REDACÇAO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Em todas as cidades do mundo, nas mais brilhantes capitaes, nos mais productores e ruidosos centros artisticos, o apparecimento d'uma opera é sempre um acontecimento importante, que domina todas as preocupações, que attrae todas as attenções, desde a dos entendedores mais profundos até á dos espectadores mais profanos.

Veja-se por exemplo o que aconteceu agora em Paris com a *Patrie* de Sardou posta em musica por Paladille.

Apesar do grande nome de Sardou, o seu bello drama quando pela primeira vez se representou, aqui ha annos, não despertou a decima parte da curiosidade que se fez agora em torno da *Patrie* opera, apesar do nome do maestro não ser d'aquelles que irradiam nas cumiadas gloriosas da França musical contemporanea.

Em Paris agora tem-se feito grandes festas em beneficio dos innundados do Meio dia, festas extraordinarias como por exemplo as *festas do Sol* em que se reproduzem aos olhos dos parizienses, a dois passos do boulevard, as festas caracteristicas da velha e pittoresca Provença, d'essa Provença que Daudet ama tanto e tanto se apraz em desenhar nos seus deliciosos romances; concertos brilhantes, em summa tudo o que póde attrahir concorrencia, espicaçar a curiosidade *blaseé* de Paris e chamar a esmola pelo engodo do divertimento.

Pois apesar de tudo isto, de todas estas festas brilhantes, excepcionaes, organisadas em beneficio dos innundados do Meiodia, a que mais importante somma rendeu, a que maior interesse provocou, a que mais brilhante resultado sortiu, foi o ensaio geral da *Patrie* de Paladille, feito á porta aberta, com os bilhetes vendidos a peso d'ouro.

O que quer dizer isto? Quer dizer claramente, eloquentemente que todas as seducções que uma commissão de parisienses imaginou para fascinar Paris, a triumphante foi ainda, foi sempre, produzida por uma novidade lyrica, por uma opera nova, por uma obra d'arte, d'essa arte sublime que falla a todos os espiritos e a todos os corações, que não necessita de traducção para ser comprehendida por todos os povos, por esta arte maravilhosa que nasceu com o mundo e que só com o mundo acabará, e que mais que nenhuma é perfeitamente cosmopolita, verdadeiramente immortal.

E o predominio da musica em todo o mundo moderno é tão grande, que ao passo que Paris, o indifferente, não faz o mais ligeiro caso, todo entregue á sua grande actividade propria, das peças que se representam na Italia ou na Allemanha, dos livros que se publicam na Hespanha ou na Inglaterra, das exposições d'arte que se fazem na Belgica ou em Vienna, apenas lhe consta que em qualquer cidade da Europa se apresenta uma producção nova de algum grande maestro em nomeada, Paris manda lá os seus criticos mais distinctos, os seus jornalistas mais illustres, e agora mesmo, ás horas em que escrevemos, quantos chronistas afamados da França não vão caminho de Milão assistir no dia 21 d'este mez, á primeira representação, no theatro *Scala*, do *Otello* de Verdi, a ultima obra do grande maestro italiano, do auctor acclamado do *Trovador* e da *Aida*.

E se assim é effectivamente, se a musica tem o condão especial de interessar em tão alto e excepcional grau todo o mundo moderno, se o apparecimento d'uma opera, assume as proporções colossaes do grande acontecimento nos paizes mais brilhantes da Europa, nas capitaes mais trabalhadoras e mais artisticas, o que fará entre nós onde a producção artistica é em geral limitadissima, onde a producção musical é perfeitamente uma excepção rarissima.

Em Portugal não abundam os romancistas, os dramaturgos, os pintores, os esculptores, não ha muito quem faça peças, livros, es-

ALBERTO

DR. JOSÉ PEREIRA REIS — FALLECIDO EM 12 DO CORRENTE

tatuas ou quadros, mas ha muito menos ainda quem faça operas, e ao passo que nas lettras se apontam dez ou doze nomes gloriosos, na musica a ennumeração acaba logo mal começa.

Por tudo isto, comprehende-se a curiosidade enorme que abala todos os espiritos quando no cartaz, de S. Carlos aparece, lá de annos a annos, o nome d'um maestro portuguez.

Comprehende se e não podia deixar de ser assim.

Ha curiosidade e ao mesmo tempo um certo receio, porque n'essas provas solemnes vão tambem envolvidos os nossos interesses patrioticos; n'essas primeiras representações está em jogo não só o nome do auctor, mas tambem o nome do nosso paiz, a nossa vaidade, a nossa dignidade nacional.

Porque exactamente porque a musica é uma arte perfeitamente especial, que falla todas as linguas e tem livre transito por todo o mundo sem outro passaporte alem do talento, com a primeira representação d'uma opera no nosso paiz dá-se um facto muito particular, que reveste de summa importancia, que dá uma alta significação, ao *successo* da primeira noite.

Quando em qualquer dos nossos theatros se representa pela primeira vez um drama ou uma comedia, por maior que seja o seu *successo*, por mais desastroso que seja o seu *fiasco*, esse fiasco ou esse successo é passado em familia, não sae a fronteira de Portugal quando chega a sahir as barreiras de Lisboa e só excepcionalmente, quando as palmas são muito vehementes, ou a pateada muito ruidosa é que uns echos indiscretos e amortecidos as levam por ahi fóra até ao Brazil, até ao Brazil, o unico paiz que se importa alguma coisa com o triumpho ou a queda d'uma peça portugueza, para fugir d'ella se ella cahiu, para nol-a representar, se ella agradou, mas ainda assim sem nos pagar os direitos.

Mas com a primeira representação d'uma opera o caso muda completamente de figura.

Em primeiro logar, ao passo que um drama é estudado, representado, ouvido, e comprehendido apenas por portuguezes, uma opera é estudada e cantada por artistas estrangeiros, por artistas dos mais notaveis, que d'outros o nosso publico não tolera no palco de S. Carlos, artistas que, mestres consumados, são os primeiros criticos e criticos defficieis, a quem a obra portugueza é submettida, e que estudando-a minuciosamente para a executar, fazem d'ella uma analyse detalhada, um exame rigoroso, e depois é ainda comprehendida e apreciada por todos os estrangeiros illustres que estão na nossa terra ou que por aqui passam, e para quem o theatro de S. Carlos é o unico divertimento de Lisboa.

Na primeira noite d'uma opera portugueza, ha uma immensidade de interesses presos ao successo d'essa opera, a começar pelos dos artistas que a executam, e que esperam pelo resultado d'essa noite para saber se essa opera ficará no seu reportorio, e os acompanhará lá por fóra na sua gloriosa carreira, ou se morrerá aqui á nascença e todo o seu trabalho artistico ficará perdido n'uma noite de desastre.

Na noite de 16 d'este mez, a da *première* dos *Dorias* de Augusto Machado, os grandes centros musicaes da Europa tinham o seu ouvido á escuta da sentença que ia pronunciar o publico do theatro de S. Carlos.

A editora Lucca, de Milão, uma das primeiras editoras de musica, que comprara e editara a opera do maestro portuguez, tinha, na platea, representantes seus á espera do resultado d'essa *première*, que lhe diria se fizera um bom negocio ou se perdera a sua edição.

Os agentes theatraes de todo o mundo, os emprezarios de theatros lyricos, n'estes tempos em que as operas de successo não abundam, que os reportorios estão cançados, gastos, e falhos d'obras novas de valor, esperavam todos o resultado da primeira representação dos *Dorias* para ver se podiam contar com essa opera, se os artistas que d'aqui lhes vão para os seus theatros, para as suas agencias, levariam na sua bagagem uma nova creação que podesse fazer caminho, com que mesmo se pudesse fazer bulha, ou um *fiasco* inutil que seria bom occultar.

E durante essa noite memoravel para a arte portugueza, o telegrapho trabalhou muito, como se se tratasse d'um grande acontecimento, e horas depois de Augusto Machado ser acclamado ruidosamente no palco de S. Carlos, já em Italia, já em Hespanha, já em França se sabia do extraordinario successo, que alcançara a opera, da ovação enorme que acclamára o illustre maestro portuguez.

O *veredictum* que pronuncia o publico de S. Carlos em outras noites de *premières* tem portanto uma importancia especial, tanto maior quanto essas sentenças, não sabemos bem porque, fazem fé lá fóra.

S. Carlos em musica é quasi que uma suprema estancia.

D'onde lhe vem essa importancia extraordinaria?

Por ventura das demasiadas, das excessivas exigencias do publico, exigencias que a seu turno veem do theatro de S. Carlos ser o grande theatro da capital, o espectaculo que mais preoccupa as attenções de toda a Lisboa que se diverte durante o inverno.

Seja como fôr porém, o que é certo é que o publico de S. Carlos tem lá fóra uma reputação de jury difficil e severo e que uma grande ovação sua faz muito bem a carreira d'um cantor do mesmo modo, que a sua reprovação prejudica sensivelmente qualquer artista e qualquer opera, sobre tudo se essa opera ou se esse artista vem aqui fazer as suas primeiras provas

Vejam lá o que aconteceu com o *Caligula* do maestro Braga.

Gaetano Braga, um violoncellista italiano de grande talento e um musico de profunda arte, escolheu o theatro de S. Carlos para apresentar ao mundo lyrico a sua primeira grande opera, o *Caligula*, feita cuidadosamente sobre os grandes moldes da musica moderna.

O *Caligula* representou-se e o publico de S. Carlos não gostou — reprovou a opera.

E a opera não fez mais caminho, e Braga não fez mais operas e lá está ha que annos em Paris deixando-se de ser maestro compositor e contentando se em ser um *virtuose* celebre.

Por tudo isto comprehende-se bem a anciedade com que era esperado o *veredictum* do publico de S. Carlos na primeira noite dos *Dorias*, veredictum, que ia decidir do futuro d'essa opera nova.

Esse *veredictum* foi uma sagração, e Augusto Machado auctor da *Laureana* recebeu no meio de applausos estridentes e unanimes, de bravos prolongados e enthusiasticos a sua glorificação de maestro notabilissimo, de compositor de primeira ordem.

Os *Dorias* triumpharam em toda a linha, e triumpharam sem o mais ligeiro favor, triumpharam apesar de portuguezes — porque n'estas questões d'arte para portuguezes o ser portuguez é mais um perigo de que uma recommendação — triumpharam com plena justiça, porque ha n'elles, espalhado a mão prodiga, talento do melhor quilate, arte do mais alto valor, e tanto que se essa opera nos viesse firmada por qualquer dos nomes mais gloriosos do mundo musical moderno, trouxesse em baixo a assignatura de Gounod, de Bizet, ou de Massenet, nós acceital-a-hiamos sem o mais ligeiro protesto como obra d'esses mestres illustres, obra que em nada prejudicaria a sua reputação e pelo contrario contribuiria para mais a levantar, para mais a tornar gloriosa

Nós hoje aqui registamos apenas o triumpho collossal obtido por Augusto Machado com a suà opera os *Dorias*, triumpho partilhado amplamente pela Theodorini, Stahl, Valero, Dufriche e Vidal, que para esse triumpho contribuiram poderosamente, desempenhando magistralmente todos os personagens da opera, a que deram, com uma boa vontade excepcional, com um enthusiasmo muito lisongeiro para a obra de Augusto Machado e para o caracter d'esses artistas, todos os recursos possantes dos seus bellos talentos e das suas raras aptidões, triumpho partilhado tambem por Mancinelli, o illustre maestro ensaiador que cuidou da execução da opera com a arte primorosa que o distingue entre todos os *maestros-regentes* que nos ultimos annos teem vindo a S. Carlos.

A noticia *detalhada* dos *Dorias* e do seu desempenho será feita no proximo numero do OCCIDENTE, que se occupará d'ella em especial, como é dever seu, desde que essa opera, pelo seu grande *successo*, se tornou um acontecimento de Lisboa, e pelo seu auctor se tornou um acontecimento nacional!

Antes de concluir esta chronica queremos tambem registar aqui outro facto artistico de grande importancia e que marca uma das datas mais gloriosas na historia da arte dramatica portugueza — a representação do *Hamlet* no theatro de D. Maria.

Esse collosso assombroso do mundo shakespeareano acaba de apparecer pela primeira vez na scena portugueza, para gloria da nossa arte, para gloria d'esse artista poderoso de quem o talento eguala o arrojo, e que, ousando medir-se corpo a corpo com esse personagem terrivel, que consubstancia em si tudo o que ha de mais difficil, de mais sublime, de mais grandioso na Arte, esse personagem cuja realisação é a coroa suprema que pode aureolar a fronte de um comediante excepcional, conseguiu triumphar completamente, brilhantemente, pelo talento e pelo estudo, pelo genio e pela arte, e inscrever o seu nome ao lado dos primeiros actores do mundo.

Chegamos n'esse momento da primeira representação do *Hamlet* no theatro de D. Maria, e o nosso cerebro está ainda sob a profunda inpressão produzida por esse drama estranho, mysterioso, que é tudo o que de mais sobre natural o espirito humano tem produzido desde que o mundo é mundo, no nosso espirito vibra ainda o enthusiasmo artistico, que n'elle despertou a maneira verdadeiramente grande como um artista portuguez, um artista a cujos primeiros passos assistimos, interpetrou com uma arte prodigiosa, essa sublime e extraordinaria creação.

Eduardo Brazão acaba de ser n'este momento sagrado grande artista, sagrado gloria nacional, por uma platéa excepcional composta de tudo o que ha de mais disincto, de mais illustre no alto mundo litterario e artistico de Lisboa.

De nosso tempo não conhecemos em theatro portuguez triumpho mais brilhante, porque nunca n'elle vimos combate mais perigoso.

Não é agora o momento de analysar o desempenho de Brazão, de escrever ácerca do *Hamlet*. Fal-o hemos no proximo numero, limitando-nos hoje, cheio de verdadeiro jubilo d'artista e de portuguez, a registar o successo colossal alcançado por um actor nosso compatriota, no desempenho do mais extraordinario e difficil personagem que ha no reportorio dramatico de todo o mundo, e o exito enorme obtido pela tragedia shaskepereana n'um theatro da nossa terra, traduzida na nossa lingua, e representada por artistas nossos.

Roza Damasceno a graciosa artista que nós tinhamos applaudido em papeis que ella fazia deliciosamente, mas que não importavam grandes responsabilidades artisticas, teve uma ovação enorme na Ophelia n'essa encantadora e intangivel Ophelia tão difficil hoje de fazer viver em scena, porque de ha muito vive no espirito de todos nós.

E raras vezes é dado a chronista portuguez registar ao mesmo tempo n'um artigo, dois factos tão brilhantes, de tão alta e poderosa significação artistica e nacional, como estes dois que a chronica hoje regista — a primeira representação pos *Dorias* e a primeira representação do *Hamlet*.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. JOSÉ PEREIRA REIS

Falleceu no dia 12 do corrente, na cidade do Porto, o dr. José Pereira Reis, um dos mais distinctos medicos d'aquella cidade, e lente jubilado da Escola Medica do Porto, onde foi um dos seus principaes ornamentos desde 1837, em que foi nomeado lente cathedratico até 1864, em que se jubilou.

Espirito altamente liberal, teve comtudo a prudencia bastante para atravessar as calamitosas epocas do governo absoluto, sem ser perseguido nem encommodado, quando cursou a Universidade de Coimbra, habilitando se para a carreira medica, que tanto havia de illustrar.

Nasceu em Coimbra a 14 de março de 1808, e os bens da fortuna não lhe embalaram o berço, o que pouco importa quando o valor proprio é a mais segura garantia do futuro.

O dr. Pereira Reis, fazendo um curso brilhante e trabalhando com verdadeira vontade, conquistou a solida reputação de medico que lhe garantiu os bens de fortuna de que gosou.

Logo em 1833, quando o cholera invadia parte do paiz, obrou o dr. Pereira Reis prodigios de valor e dedicação, tratando dos cholericos em Condeixa, para onde fora mandado pela auctoridade administrativa de Coimbra, e n'esta cidade dirigiu depois o hospital militar por aquella occasião.

O dr. Pereira Reis era conhecido no paiz como uma capacidade medica, muito especialmente nas provincias do norte, onde o seu nome era respeitado e bemquisto, quer como medico, quer como um caracter leal e generoso, exercendo largamente a beneficencia.

O testamento com que falleceu, contemplando com uma boa parte dos seus bens varios estabelecimentos de caridade, é mais uma prova dos seus sentimentos cardosos.

Esses estabelecimentos são:
Asylo da Infancia Desvalida, de Coimbra; Asylo da Infancia Desvalida, do Porto; e Recolhimento de Meninas Desamparadas, etc.
Mas o dr. Pereira Reis não era só um philantropo, nem só um medico distincto: foi tambem um distincto professor da Escola Medica do Porto pelo espaço de trinta annos, onde se desempenhou de tão difficil como importante cargo da maneira mais honrosa, attestada por todos que lhe receberam as lições e que lhe aproveitaram os sabios conselhos.
Foi um dos maiores propagandistas da vaccina, e por mais de dez annos foi o unico medico que, no Porto, applicava a vaccina.
Foi vereador da camara municipal do Porto, assim como desempenhou outras commissões de serviço publico, sempre com zelo e intelligencia.
As lettras tambem tiveram n'elle um cultor distincto, collaborando em varias publicações scientificas e litterarias, de que citaremos o *Repositorio litterario* e *Revista estrangeira*, duas publicações de boa memoria em que collaboraram muitos dos nossos escriptores mais notaveis.
Na sciencia, escreveu o *Formulario para medicos, cirurgiões e pharmaceuticos; A homœopathia: o que é e o que vale; Nomenclatura chimica franceza, sueca, allemã e synonymia*, traduzida do francez; e mais algumas traducções de romances, como *Os sete peccados mortaes, Os mysterios do povo*, etc.
As poucas notas biographicas que deixamos escriptas são apenas um esboço muito imperfeito dos principaes factos da vida do dr. José Pereira Reis, e teem unicamente por fim acompanharem o retrato que o OCCIDENTE hoje publica, em homenagem ao illustre medico, que tanto se distinguiu em vida, e que depois de morto deixou bem affirmados os seus sentimentos caridosos, como ultima vontade do seu animo generoso e bom.

CONCERTO NO SALÃO DA TRINDADE EM BENEFICIO DOS NAUFRAGOS DO «VILLE DE VICTORIA»

Foi em a noite de 17 do corrente que se realisou no salão do theatro da Trindade a festa de caridade promovida pela colonia franceza, em Lisboa, tendo á sua frente o ministro de França, em beneficio dos naufragos do *Ville de Victoria*, afundado no Tejo em 23 de dezembro, do que publicámos noticia circumstanciada e gravura do sinistro, em o numero do OCCIDENTE do dia 1 d'este mez.
Foi uma festa brilhante, tanto pelos espectadores que a ella concorreram, onde se via a flor da alta sociedade lisbonense, como pelos artistas que n'ella tomaram parte e lhe deram todo o brilho do seu talento.
A familia real assistiu toda ao espectaculo, e da colonia franceza viam-se alli as principaes familias.
O salão estava completamente cheio de espectadores.
No concerto tomaram parte quasi todos os artistas do theatro de S. Carlos, e foram: mademoiselles Theodorini, Stahl, e Bendazzi; e mrs. Burmester, Lucignani, Dufriche, Vidal, Valero, Rey Collaço, Rubiu, e os dois actores portuguezes Augusto Rosa e Valle, que recitaram poesias, etc.
São estes artistas tão conhecidos pelo seu merito, que dispensam de apresentação especial, e bastará dizer que os mais estrepitosos applausos os acolheram, tendo sido bisados alguns dos trechos cantados por Theodorini, Stahl, Bendazzi, Valero, Vidal e Burmester, etc.
Burmester é um violinista distincto, que foi ouvido pela primeira vez no salão da Trindade, conquistando uma grande ovação.
O trecho em que Theodorini e Stahl foram mais applaudidos foi o duetto da *Missa de requiem* de Verdi. e essa a situação que o nosso desenho reproduz.
O salão estava vistosamente adornado de plantas, vendo-se ao fundo do palco as bandeiras franceza e portugueza enlaçadas e cercadas de flôres, etc.
Para apparecer n'esta festa, fez-se uma publicação especial, cujo producto reverte tambem em beneficio dos naufragos.
Essa publicação especial, feita sob a direcção do sr. Zepherino Brandão, intitula-se *No Tejo*, e é collaborada pelos principaes escriptores, com pequenos artigos e poesias.
A festa teve, pois, todos os attractivos e todas as devoções de uma festa de caridade, como se fazem em Lisboa, onde não faltam dedicações sempre promptas a concorrerem com a sua bolsa ou com o seu prestimo para minorar os soffrimentos dos infelizes.

GYMNASIO LAURET NO PORTO

A gymnastica que ainda ha vinte annos era *avis rara* em o nosso paiz, é hoje uma disciplina que faz parte do ensino da infancia, e os acrobatas do circo, que veem do extrangeiro exhibir os seus arrojados exercicios, não causam no nosso publico o mesmo espanto que outr'ora, tão habituado elle já está a essas diversões, e a vêr executar os mais deficeis exercicios gymnasticos por compatriotas seus, distinctos amadores, socios dos clubs gymnasticos de Lisboa e que de vez em quando vem apresentar em publico os seus trabalhos, em generosos rasgos philantropicos a beneficio d'esta ou d'aquella instituição de caridade, ou para soccorrer as victimas de alguma catastrophe.
Este progresso, que o é, tem n'estes ultimos tempos tomado um grande incremento, e ainda ha pouco registrámos em nossas paginas o Real Gymnasio Club Portuguez, publicando uma gravura do bello edeficio expressamente feito, e noticia sobre esta util instituição (1) e já hoje registramos mais um novo estabelecimento do mesmo genero, O Gymnasio Lauret, no Porto.
Não é um club, embora tenha todas as diversões proprias d'este genero de estabelecimentos, mas uma escola de Gymnastica e sala de armas, onde se ensina methodicamente estas duas artes, com notavel aproveitamento dos discipulos tanto creanças como adultos.
Fundou este Gymnasio o sr. Paulo Lauret, no Porto, em 11 de Fevereiro de 1882 em uma casa do Largo da Picaria n.º 13, e logo de seu principio deu os melhores resultados, concorrendo a elle a mocidade portuense com o enthusiasmo e interesse que inspiram todas as enovações uteis.
A frequencia de alumnos cresceu de tal modo nos primeiros dois annos, que em 1884 o gymnasio teve de ser mudado para casa maior no Largo do Laranjal n.º 4, onde continuou a desenvolver-se de modo a fazer sentir a necessidade de mais espaçoso edificio, o que conseguiu mudando-se para a Rua do Laranjal, n.º 193, casa que a nossa gravura representa.
N'esta nova casa acha-se o Gymnasio Lauret perfeitamente installado, tendo salas de gymnastica, de armas, bilhares, dança, tiro defferentes jogos, electricidade, banhos etc., o que tudo faz um conjuncto de estabelecimento de primeira ordem.
O ensino no Gymnasio Lauret está devidido em differentes cursos, conforme as idades dos discipulos, e regulado de modo a dar os rezultados mais praticos e proveitosos. A sua frequencia é de 100 alumnos devididos do seguinte modo: meninas 7, meninos 33, adultos 60, tem um medico effectivo, o sr. Dr. Aureliano Cirne, e 250 socios protetectores.
O primeiro sarau que este Gymnasio deu em publico foi em 13 de Fevereiro de 1884, offerecido á imprensa portuense, e a 6 de maio do mesmo anno offereceu outro sarau á classe medica, que assistiu em numero de 45 membros.
Foram estes saraus um meio de propaganda magnifico, que fez chamar ainda mais a attenção do publico sobre tão util instituição.
A estas festas de propaganda seguiram-se outras de benificencia, sendo a primeira no Palacio de Crystal, em beneficio da Creche de S. Vicente de Paula; em Braga, em beneficio da associação dos Bombeiros Voluntarios, tomou parte em tres espectaculos, em beneficio dos povos da Andaluzia por occasião dos terremotos que tantas desgraças fez n'aquella provincia de Hespanha, outro espectaculo em beneficio do Hospital Maria Pia etc.
Estes espectaculos de benificencia são outros tantos titulos honrosos para o Gymnasio Lauret, que beneficiando a educação phisica, estende ainda os seus beneficios em generosas acções de caridade.
Muitos são ainda os titulos honrosos que destinguem este Gymnasio e assim possue diplomas do *Gymnasio Social de Badajoz*, do *Gymnasio Dynamico de Madrid*, do *Gymnasio Medico de Sevilha*, do *Gymnasio Hayser de Pariz* do *Club Gymnasio de Lisboa* e de *Coimbra* e do *Instituto de Gymnasiologia de Lisboa. etc.*
E assim tem a cidade do Porto uma escola de Gymnastica de primeira ordem, onde a mocidade retempera e desenvolve o phisico, quer nos exercicios Gymnasticos quer no jogo das armas.
No cumprimento do nosso programma, registramos com prazer este novo estabelecimento de educação, que marca um progresso no nosso paiz, e que se recommenda por tantos titulos á consideração do publico

(1) Vid. OCCIDENTE, vol. VII, pag. 213.

SERPA PINTO E AUGUSTO CARDOSO

Expedição ao Nhassa

Serpa Pinto,... conhecem-n'o todos. É um dos nossos poucos nomes europeus. Foi elle o que, identificando-se ousadamente com a inspiração que iniciara a primeira expedição scientifica portugueza atravez d'Africa, atirou para traz das costas com as ordens e sugestões absurdas que procuravam tolher os impetos e a significação especial d'essa expedição e que em grande parte a prejudicaram, rompendo do Bihé para leste, e vencendo para o nome portuguez, n'uma das mais notaveis e arrojadas travessias do Continente Negro, a consideravel distancia que nos separava da vanguarda do moderno movimento de exploração africana.
Augusto Cardoso é um neophito que logo da primeira experiencia nos sahiu um explorador acabado.
E foi uma experiencia aspera e dura, cortada de ingratissimas provações, a que lhe deu um nome e um logar distincto a par dos nossos benemeritos exploradores.
A missão cujo brilhante desempenho foi narrado pelos dois na noite de 13 de dezembro, diante de uma d'aquellas extraordinarias e solemnes assembleas que só a Sociedade de Geographia de Lisboa tem sabido reunir ultimamente para ouvir exposições de estudo, inspirara-se na idéa de ha muito improficuamente sugerida e aconselhada de reconhecer por uma expedição scientifica nacional uma communicação directa entre o lago Nyassa das cartas (leia-se Nhassa) e a nossa costa de Moçambique, ao norte do Zambeze, explorando a região intermedia, na maior parte desconhecida.
Urgia levar a bandeira portugueza ás margens d'esse lago, — o nosso velho Maravi, — por interesse e segurança do direito e da expansão politica da soberania portugueza na costa oriental, que d'aquelle lado crescentemente ameaçam, de ha muito, as missões e explorações inglezas, ao mesmo tempo que o commercio importantissimo da região se tem ido escoando na direcção de Zanzibar.
N'uma sessão de 1876 da Sociedade de Geographia de Lisboa, tractando-se da expedição que veio a ser organisada e dirigida por Serpa Pinto, Capello e Ivens, e de que resultou a celebre travessia do primeiro, e a notavel exploração dos dois ultimos até ás terras de Iacca, — propunha e offerecia o fallecido tenente de marinha, Henrique Bandeira de Mello Madureira, «procurar boas communicações entre o lago Nhassa e a costa oriental entre Cabo Delgado e Fernão Velloso, e entre o mesmo lago e o Zambeze, nas proximidades de Tete ou Zumbo».
Dois annos depois os habitantes de Ibo pediam a construcção de um caminho da costa visinha para o Médo, na direcção do lago.
Em 16 de agosto de 1879 propunha o illustre engenheiro sr. J. J. Machado, segundo documentos por elle proprio communicados á Sociedade de Geographia, que se fizesse estudar por duas expedições que attingissem a extremidade sul do grande lago, o melhor caminho da costa para elle.
Uma portaria de 10 de setembro de 1878 mandava proceder á construcção de uma estrada, de Pemba até Médo e de uma egreja nas terras d'este nome, mas era evidente que essa portaria não sabia o que ordenava e que semelhante resolução governativa, alem de tudo, desacompanhada inteiramente de estudos e recursos especiaes, não era seria.
Mas a idéa capital subsistia, cresciam os perigos da nossa inacção, augmentava a derivação do commercio para a costa do Zanzibar, e as explorações e missões inglezas com destino á região do Nhassa, succediam-se, engrossando a intriga e a objecção contra o nosso direito de soberania n'aquellas partes.
Foi então que a Sociedade de Geographia, insistindo junto do governo por diversas medidas de segurança e de civilisacão das nossas provincias africanas, recebeu em sessão de 12 de maio de 1880 uma proposta tendente á definitiva occupação politica dos territorios do lago, e que em sessão de 5 de julho d'esse anno approvou e representou ao governo que uma das estações civilisadoras, cujo immediato estabelecimento aconselhava, fosse installada na extremidade sul do

VIAGEM DE EXPLORAÇAO AO LAGO NHASSA

O Major Serpa Pinto

O Tenente Augusto Cardoso

(Segundo photographias de Camacho)

Nhassa, «onde urgia que apparecesse a bandeira nacional». A esta representação respondeu o nobre ministro da marinha, de então, o sr. Visconde de S. Januario, louvando mais uma vez o trabalho da Sociedade, reconhecendo a conveniencia e patriotismo do seu empenho, e declarando que o governo aguardava apenas que terminasse o grave conflicto travado no Transvaal, para fazer levar a bandeira portugueza ás margens do grande lago. Ainda em sessão de 6 de dezembro do mesmo anno se occupava a Sociedade das communicações com o Nhassa, falando-se então de uma linha telegraphica a estabelecer para alli, pelo caminho do Chire, e n'um caminho de ferro que ladeasse as cataractas d'este rio e que as venceria com o precurso de 85 kilometros.

Como porem a idea inicial continuasse addiada, a Commissão africana aconselhou á Sociedade, que insistisse nas anteriores representações, o que ella fez, dirigindo-se em 5 de fevereiro de 1884 ao governo, e dizendo-lhe:

«Todas as circumstancias, parecem aconselhar agora que, guardadas as possiveis reservas, se procure, d'algum ponto da nossa costa oriental, e ha n'ella excellentes pontos, inapproveitados, que offereceriam seguro e facil accesso á navegação e ao commercio, abrir e assegurar um caminho directo sobre a margem do grande lago, ao sul do parallelo do Cabo Delgado, caminho que podesse adaptar-se ao transito dos *wagons* ou carros-matos, usados na Africa meridional, e no qual se estabelecesse uma especie de policia sertaneja semelhante á das antigas *patrulhas* de Angola.»

Foi este o pensamento originario da expedição Serpa Pinto-Cardoso. Pouco depois respondia o então ministro sr. Pinheiro Chagas, communicando que já encarregara o sr. Serpa Pinto, que ia partir como nosso consul para Zanzibar, de estudar e executar a exploração pedida.

Partiu o nosso benemerito explorador, preparou e organisou habilmente a expedição, que, no dizer de uma authoridade extrangeira, era a melhor organisada que se internava em Africa, e acceitou para seu companheiro um moço official de marinha que se lhe offerecera com enthusiastica vontade, e no qual se revelavam as melhores aptidões. A escolta recrutada causou verdadeira surpreza; compunha-se de 100 *vatuas*!

A expedição seguiu do Mussuril para o norte em 1884, ao longo do litoral e na epocha das chuvas, entrando pelo paiz de Matibana, em direcção á bahia de Fernão Velloso, seguindo depois até á Quissanga e Ibo, e fazendo de toda esta zona um levantamento primoroso e interessantissimo, apesar das crueis provações por que teve de passar.

Concerto no Salão da Trindade em beneficio dos naufragos do «Ville de Victoria» (Desenho de J. R. Christino)

Do Ibo a expedição voltou sobre o Mutepuezi, em direcção a Mêdo, d'onde Serpa Pinto teve de ser conduzido para a costa, quasi moribundo.

Partindo de Mêdo, a expedição dirigiu-se a Metarica, a encontrar o notavel rio Lienda, affluente do Rovuma.

Feita expontanea e cordealmente por parte do potentado de Metarica a sua submissão a Portugal, o sr. Cardoso continuou a seguir o Lienda, e, inflectindo para oeste, attingiu o Nhassa nas terras de Cuirassia, arvorando alli com a possivel solemnidade e com perfeito accordo dos indigenas a bandeira portugueza.

Do lago desceu por Blantyre, dirigindo-se para leste, passando o Ruo ou Luo, juncto do monte Melange, e vindo sahir a Quilimane, tendo feito um trajecto total de 2:500 kilometros.

O numero das observações e das determinações astronomicas e meteorologicas realisadas é enorme, e o estudo geral interessantissimo.

Soffreu a expedição as mais crueis privações, chegando a cegar inteiramente o sr. Cardoso. Mas foi inquebrantavel a sua coragem, e esta exploração fica sendo a mais notavel e proficua que d'aquelle lado do continente africano se tem feito.

Luciano Cordeiro.

LEITE BASTOS

(Concluido do n.º 290)

E effectivamente o cavallo ia beber agua.

Chegou ao chafariz do Rato, matou a sua sede, depois voltou para traz e foi para onde a sua phantasia de cavallo o guiou.

E Leite Bastos escarranchado em cima lá foi tambem, muito contente, muito satisfeito, muito despreoccupado, com uma grande bonhomia original.

No fim de contas elle tinha razão. Como tinha muito em que pensar, como no seu cerebro se fabricavam permanentemente cinco ou seis romances differentes, que elle conduzia ao mesmo tempo com uma habilidade rara, com uma grande segurança de mão, não tinha tempo para pensar em passeios e deixava esse encargo secundario ao seu cavallo.

Elle que pensasse n'isso que Leite Bastos tinha mais que fazer.

E assim guiado pela phantasia do seu cavallo, o grande escriptor atravessava as ruas de Lisboa, na numerosa companhia dos seus personagens, conversando com elles, matando um, cazando outro, resuscitando outro, e não se importando nada, absolutamente nada, com os risos dos ociosos e com as troças do rapazio.

Um bello dia o cavallo desappareceu e Leite Bastos voltou a andar a pé como qualquer simples mortal.

Então andava a correr, desapparecia pelas ruas com o seu passinho miudo, muito bamboleado; porque não passeava, tratava da sua vida.

E tinha bem que tratar essa vida! A vida de homem de lettras em Portugal nunca é lá grande coisa, dá sempre muito trabalho e pouco dinheiro; Leite Bastos aggravára essa posição pouco invejavel de litterato, trazendo para os negocios litterarios toda a mesma absoluta falta de tacto de que fizera brilhante prova em todos os seus negocios, negocios que levaram todas as suas parcas heranças e o tinham deixado a tenir.

Abusava prodigamente, desastradamente, da expontaneidade do seu talento, da facilidade da sua producção e trabalhava de mais.

Esse excesso de producção prejudicava-o duplamente: prejudicava-o na sua gloria, nos seus interesses. Feitos a correr, e ao mesmo tempo, para cinco ou seis editores differentes, numerosos livros, esses livros ressentiam se gravemante da precipitação com que eram feitos; e por outro lado, lançados ao mesmo tempo no mercado, tão restricto como é o mercado de Lisboa, perdiam desde o principio o valor de novidades, faziam mal uns aos outros, vendiam-se pouco e as edições jaziam longos annos nas estantes dos livreiros.

D'ahi resultava que apesar do grande merecimento das obras de Leite Bastos, que tinha o segredo, como nenhum auctor portuguez, d'interessar, com os seus romances emaranhados, cheios de peripecias complicadas e de situações imprevistas, a grande massa do publico, essas obras eram um mau negocio para os editores.

E os editores começaram a retrahir-se, a fazer-se rogados.

Leite Bastos que não tinha meios para esperar que o procurassem, que viessem ter com elle, que lhe propozessem negocios, ia ter com seus editores. Procurava trabalho para viver e offerecia as suas obras, e tinha que acceitar as condições que lhe propunham.

E ao passo que escriptores de muito menos talento e com muito menos publico seu de que Leite Bastos vendiam os seus livros por preços rasoaveis, dadas as circumstancias especiaes do nosso mesquinho mercado litterario, Leite Bastos vendia as suas obras a baixo preço.

Procurava trabalhar, offerecia-se, acceitava tudo o que lhe davam.

Quanto menos dinheiro lhe rendiam os seus livros, mais livros tinha que produzir para equilibrar o seu orçamento de vida.

Quanto mais livros produzia menos se vendiam e mais barato lh'os pagavam, e entrado n'esta engrenagem terrivel, n'esta cadeia fatal, Leite Bastos gastou o seu bello talento, as suas poderosas qualidades de imaginação, n'uma multidão de livros, todos elles muito inferiores ao merecimento do seu auctor, uma multidão de livros de que a quantidade prejudicava o *successo* que devia ter a qualidade, e que no fim de tudo depois de lhe consumirem toda a sua actividade, todos os seus recursos e todo o seu tempo, lhe deram apenas para viver mal, pobremente e com a vida embaraçada por dividas e por falta de dinheiro e para morrer na miseria, novo ainda, depois de ter trabalhado como poucos e de ter um talento expontaneo, facil, uberrimo como raros!

* * *

A qualidade predominante de Leite Bastos como escriptor era uma imaginação poderosa, fecunda, que o punha a par dos mais illustres romancistas francezes n'esse genero, a obra d'um dos quaes, Ponson du Terail, continuou com tal arte, com tão grande semelhança que não é facil a um profano conhecer onde termina o trabalho do auctor do Rocambole, ou onde principiou o do auctor das *Aventuras do homem pardo*.

Mas á sua qualidade muito especial, e que lhe indicava naturalmente o genero do romance de enredo, Leite Bastos juntava outra muito mais preciosa, muito mais levantada e que raras vezes se vê junto áquella — a observação.

Leite Bastos era um observador profundo, um analysta de primeira ordem e tinha o condão excepcional de fazer com dois traços rapidos uma figura perfeitamente humana, em vez d'esses manequins que de ordenario são os personagens dos romances de enredo.

Dessem-lhe tempo, dessem-lhe uma educação litteraria solida, e Leite Bastos teria deixado d'esses livros que ficam, e que marcam epocha n'uma litteratura.

Assim, produzindo a correr, tendo que trabalhar muito para ganhar pouco, mirando mais aos direitos de auctor, que ao ideal do artista, Leite Bastos deixou numerosos livros, que no todo valem pouco, mas que em certas paginas, em certos trechos, em certos personagens denunciam a sua brilhante individualidade litteraria, attestam esse talento notavel e poderoso que teria enrequecido a litteratura portugueza com obras preciosas, se a pobresa o não obrigasse a trabalhar para comer!

A posteridade esquecera naturalmente o nome de Leite Bastos, as suas obras, confundir-se-hão com as producções medianas da grande turba dos fazedores da litteratura de fancaria, mas nós que vivemos com elle, que o conhecemos de perto, que sabemos quanto elle era superior a toda a sua obra, e quanto talento havia n'aquelle espirito que se apagou, é que temos obrigação de não o deixar desapparecer no tumulo como uma nulidade qualquer e de registar aqui a morte de Leite Bastos, d'esse pobre grande escriptor, como a perda d'um dos nossos confrades de maior valor, como o desapparacimento d'um dos talentos mais brilhantes; mas tambem mais infelizes da litteratura portugueza contemporanea!

Gervasio Lobato

DOM TAROUCA

(Continuado do n.º 288)

Mas, um dia, pelo outonal cahir das folhas, os da povoação viram passar uma rapariga desconhecida que, depois de percorrer alguns quélhos ao acaso, desorientada e hesitante, como se se sentisse perseguida pelos olhares que vivamente a observavam e perdida no meio da casaria indifferente, parou debaixo d'uma figueira antiga, cujas grossas perneiras entrecruzadas dispunham uma arejada abobada de folhagem sobre a rua immunda, e relanceou inquietamente a vista para todos os lados. Sentada na soleira da sua porta, uma velhinha mirrada catava com movimentos tropegos, toda curvada pela attenção cuidadosa e pertinaz da sua tarefa matadora, um rapazete pacientemente aninhado, adormecido talvez sob a caricia palpante das tremulas mãos encorreadas; rompendo o seu embaraço acanhado de forasteira, a outra chegou se ao pé d'ella, e com um modo lamentoso de pedinte perguntou-lhe onde ficava a residencia do Estevam. A custo, lentamente, a velhota ergueu a cabeça, e encarando com aquella mocetona estranha, corpanzuda e sardenta, que segurava ao collo um pobre fedêlho em fralda de camisa, carita risonha e farruscada de surro, uma perfeição de creança rochunchuda e sádia, pôz se a fital-a demoradamente, do fundo dos suas pupillas gastas, com esses olhos singulares das pessoas muito idosas, profundos e infantis, ingenuos e resignados, e que se afiguram conturbados pela proximidade da morte; depois, balbuciou palavras mastigadas, baixinho, estendendo um braço a apontar para a entrada d'um caminho largo, que a pequena distancia se abria para os campos.

Não a entendendo, a moça agachou-se para se collocar bem ao alcance da sua voz fraca, e interrogou:

— Buncê que diz, santinha?

Então o rapaz levantou-se de prompto, sahiu das conchegadôras saias da avó, e com o ar sério e expedito de quem gostosamente presta um serviço:

— Ande cá, qu'eu lh'ensino adonde é.

E emquanto a velha descontente, desapossada do seu passatempo, em vão o chamava n'um esforço e resmungava ameaças de pancadaria, elle partiu a correr, rebelde e exultante, porque escassas vezes podia andar á gandaia, e uma tentação indomavel d'aperreado empurrava-o para as saborosas e vitalisantes vadiagens a monte, mordiscava-o constantemente. Uns malandrins bulhentos, que jogavam os quatro cantinhos, cercáram subitamente o satisfeito guia; e o filho do Cacheiro, o mais taludo e mettediço, indicando a desconhecida, indagou:

— Quem é aquella, ó tu?

Elle, com uma soberba importante e desnorteadora, respondeu apenas:

— E' uma mulher, nun bês!

Os dois tomaram acodadamente pelo caminho que se alongava, direito, por entre dois muros regulares, defendidos de sylvas rebarbativas; e os desfaçados garotos mexeriqueiros seguiram-n'os logo, um pouco arredados, amortecendo as passadas, e fallando uns com os outros em segredo, animadamente, com hilaros e travessos pinchos de cabritos, — alegrados pela idéa da sua indiscrição atrevida, embora diligenciassem attenual-a. Assim que deu por elles, o cremncelho de peito começou a fazer-lhes uma festa, debruçado sobre o hombro da mãe, traquinando aos pulos no braço que o supportava; e acenava-lhes com a mãosinha tenra, polpuda e molle, em que ainda se não adevinhavam ossos, e ria-se, queria brincar, taramelando alto n'um ensaio de falla esboçada, como um passaro que pipila os seus primeiros gorgeios. Ella voltou se, impressionada pelo jubilo explosivo do filho; e notando que os garotos importunos a iam acompanhando, adiantando-se mesmo um, familiarmente, para offerecer um punhado de luzidias amoras pretas ao pequerrucho, procurou escorraçal-os:

— Vós a que vindes, atraz da gente?

E o malcreado do Cacheiro, com rompante:

— Imos passear, e antom? Acho que ninguem nos estróva!

Mas o pequeno guia, cioso de desempenhar bem só, sem camaradas nem testemunhas, o seu airoso papel, interveiu arrenegadamente, amedrontando os intromettidos:

— Deixaede estar, qu'eu direi tudo ó mestre!

Todos desatáram n'um riso insubordinado, sabendo que a terrivel palmatoria do professor da escola publica não poderia alcançal-os alli, como se fosse um invisivel castigo imminente e pairante, que os perseguisse magicamente por toda a parte; e, com frenesi, apupáram o presumpçoso:

— Olha o lingurteiro! Tó, rabito, péga!

Chacoteando ás escancaras, promettiam-lhe generosamente uma côdea de pão, com dois pinhões chôchos, para elle não denunciar a rapaziada; emquanto que o filho do Cacheiro, destemido e rixento, jurava moel-o com tantos murros — quantas lendeas elle tinha no cabello encaracolado e porco, se o mimalho não acautelasse a buliçosa lingua, e cabeçudamente cahisse em submettel-os á severidade verdugana do senhor Mestre, juiz reconhecido nos delictos e desmandos brejeiros dos seus discipulos. Quando lhe pareceu que a assuada maldosa se prolongava irrefreadamente, a bôa rapariga defendeu o seu amigo calado e vexado:

— Eh! pouca zoeira, seus caras estanhadas!

Um medo de serem esbofeteados, com impeto e razão, obrigou-os a recuar de repente. Porem ella desprezou-os, preoccupada e dominada por um pensamento superior, sem duvida; e continuou a caminhar depressa, com o rapazinho adiante de si. Os incorrigiveis farçolas obstináram-se em seguil-a, ainda que receiosos e affastados, tendo tramado divertidamente a combinação d'arreliarem aquella mulher de fóra, chegada não se sabia d'onde. Atravessáram um carvalhal extenso, ao longo dos redondos troncos pujantes, argenteados e musgosos, toldados espessamente de folhas tenazes, crestadas, que se roçavam n'um ciciado ruido, como em titillações sonoras de delgadas chapas douradas e ferrugentas: em seguida, enfiaram por um atalho, que marginava e como que emparedava uma estreita levada, contornando-a torcidamente em sinuosidades bruscas, consoante a accidentação do terreno declivoso. Mostravam-se quasi nús os choupos, á beira das poças; e nas pontas das suas varas claras, arqueadas e erguidas para o ceu, os pardaes pousavam silenciosamente, entristecidos e murchos porque já não descobriam os estendaes luzentes dos milhos, nas eiras, e sob a fouce dos ceifeiros as cearas consoladoras haviam desapparecido. Na serena destruição impassivel do outono, os arvoredos enfermos esphacelavam-se a cada momento, punham ao léo a confusão intrincada, parda ou denegrida, dos seus esqueletos; e umas folhas cahiam isoladamente, pesadas como enormes lagrimas, outras desabavam torneando, e raspavam no chão fugindo, como azas d'aves moribundas que debalde tentassem derradeiros vôos. E na agua corrente da levada os despojos ocrosos das ramarias fluctuavam, deslisavam á tona, ao mesmo tempo que se amontoavam pelos campos, á maneira d'uma fôfa alcatifa desegual e desmanchada, e lembravam um farto estrume cheiroso, curtido ás soalheiras e ás chuvas, espalhado pelos ventos e perfumado, que regressava á terra na passividade organica da ordem universal.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

ANTONIO SOARES DOS REIS

Professor de esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes

(Continuado do n.º 290)

Antes da sua partida para o estrangeiro, Soares dos Reis fizera alguns ensaios em esculptura, so-

bre a direcção de Antonio Luiz da Silva Cruz, esculptor de imagens, que cursara algum tempo a Academia, iniciando-o d'este modo em muitas praticas que não se podem aprender nas escolas de bellas-artes. Esse artista falleceu annos depois em circumstancias bem precarias.

Os principaes trabalhos que Soares dos Reis executou n'aquella epocha foram um busto (barro cosido) do cirurgião militar Lima e Costa e um Christo, de 40 centimetros de alto.

De regresso á patria, depois de concluidos os seus estudos no estrangeiro, o artista viu-se obrigado, como já disse, a trabalhar por algum tempo para canteiros e até para fabricas de louça, e assim modelou:

Para o canteiro de Lisboa o sr. A. Moreira Ratto, quatro modelos de estatuetas em gesso, que foram reproduzidas em lioz, representando o Trabalho, a Riqueza, a Musica e a Historia. Estas estatuetas estão no Brazil.

Para o fallecido canteiro portuense José Amatucci um anjo com emblemas da paixão e uma carpideira.

Com respeito ao modelo do anjo, que hoje pertence ao canteiro o sr. Laurentino José da Silva, deu-se o seguinte e curioso facto, que mostra bem a quanto póde chegar a ignorancia e porque torturas passa por vezes um artista.

Soares dos Reis terminara o referido modelo e o canteiro José Amatucci levara ao *atelier* o individuo que encommendara a estatueta, a fim de ver se o satisfazia.

O argentario encarou com horror a obra d'arte e recusou-a dizendo que a figura não era *decente* por ter os braços e uma pequena parte do peito nus! E relanceando o olhar pela officina escolheu um d'esses modelos anonymos, estropeados, horrendos, que enchem as prateleiras dos canteiros e dão uma nota deploravel aos monumentos funerarios dos nossos cemiterios.

Assim a estatueta deixou de ser reproduzida mas o artista teve ao menos a consolação de a exibir na exposição trienal de 1874.

Para o canteiro portuensa Laurentino José da Silva, Soares dos Reis modelou tres estatuetas representando a *Saudade*, a *Industria* e o *Commercio*. Todas tres foram reproduzidas em ponto grande em marmore de Carrara para um mausoleu do cemiterio de Agramonte, e a primeira tem continuado a ser reproduzida em diversas dimensões.

Para a fabrica de louça que pertence ao sr. João do Rio Junior, as estatuetas de *Neptuno*, *Juno* e *Jupiter* e uma *Dançarina*, imitação de Canova. Todas ellas tem sido reproduzidas em barro cosido e vidrado e alguns exemplares figuraram já em varias exposições.

Trabalhos em madeira:

Um Christo morto, deitado, existente na igreja de S. Christovão de Mafamude, naturalidade do esculptor.

Quando Soares dos Reis regressou do estrangeiro, os seus conterraneos tendo necessidade de um Senhor Morto, instaram com o artista para o esculpir. Accedeu elle ao pedido e fez o donativo da imagem.

No dia em que esta foi levada para a igreja, o beaterio alvorotou-se em exclamações de um comico indiscriptivel, por ter descuberto que o artista dera á figura do Salvador todos os caracteristicos da virilidade humana.

Para corrigir este *desmando* do esculptor, o mulherio encarregou-se de envolver a figura em uma tal quantidade de toalhas e de rendas, que hoje creio só se lhe descobrem as extremidades das pernas e parte do busto.

Mais um outro episodio a respeito d'este Senhor Morto.

Uma creada velha que ainda ha pouco servia em casa da familia de Soares dos Reis, teimou sempre em não rezar nem dar esmola áquella imagem, por ter visto por muito tempo á porta da mercearia do pae do esculptor, o pedaço de madeira de que foi feita.

Escrupulos de devoção.

Uma *Senhora da Victoria*, existente na igreja da mesma invocação d'esta cidade.

Uma *Senhora das Dores*, de *roca*, que existe na igreja de S. Francisco de Guimarães.

Um *Coração de Maria*, feito para um templo da mesma cidade, mas que se ignora onde esteja agora, pela seguinte circumstancia.

Quando a imagem foi para ali transportada, os entendedores d'estas cousas mysticas, começaram a embirrar que ella não se parecia em nada com as outras e perdendo assim a fé, e a convicção de que podesse produzir milagres, trataram de se desfazer da Santa, que andou em leilão pelas sachristias, indo naturalmente parar na capellinha de alguma serra, se é que não foi de todo votada ao desprezo das cousas inuteis.

Decididamente Soares dos Reis não tinha propensões para as santidades de pau.

Um *Christo Cruxificado*, agonisante, de pequenas dimensões, pertencente ao sr. commendador José Bento Ramos Pereira, d'esta cidade.

Para estuques, Soares dos Reis executou:

As cabeças dos oculos e os medalhões da cupula da escada nobre do edificio da Bolsa do Porto.

Um baixo relevo circular (centro de tecto), representando Apollo em um carro tirado por quatro cavallos. Existe na casa do sr. Joaquim Teixeira de Campos, em Santo Ovidio (Villa Nova de Gaya).

Ouro centro de tecto, composição de ornato com figuras de creanças, em meio corpo. Existe em casa do sr. A. J. da Silva, na mesma villa.

Estes dois baixo relevos foram bastante alterados na sua correcção pelas ferramentas dos estucadores, que ainda não abandonaram o barbaro costume de rapar toda a superficie de uma esculptura até a deixarem cheia de vincos e de arestas de um effeito que repugna ao amador mais condescendente e de mediano gosto artistico.

Em marmore de Carrara, o insigne estatuario tem produzido:

Os bustos do visconde de Tamandaré e marquez do Herval, existentes no Rio de Janeiro e que foram expostos em 1875 em Lisboa.

De Francisco Pinto Bessa, existente na sala das sessões da Camara Municipal do Porto.

Do professor o sr. Domingos de Almeida Ribeiro. O modelo, que existe na Academiaa Portuense de Bellas-Artes, foi exhibido na 12.ª exposição triennal e na Sociedade Promotora de Lisboa em 1875 e a reproducção em marmore, pertencente ao retratado esteve na exposição Universal de Paris de 1878.

Do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, existente no palacio da Bolsa, no Porto.

Da sr.ª viscondessa de Mozer e da atriz Emilia das Neves, em via de conclusão.

Do sr. dr. José Augusto Correia de Barros e da finada esposa do tambem já fallecido commerciante Pinto Leite, para serem reproduzidos em marmore de Carrara.

Cabeça de um rapaz preto, pertencendo o modelo á Academia de Bellas-Artes de Lisboa e a reproducção em marmore ao sr. Francisco de Oliveira Chamiço, da mesma cidade. Esteve patente este busto na exposição triennal de 1874 e na da Sociedade Promotora, no anno seguinte.

Flor agreste, busto de creança, pertencente ao sr. Rebello Valente. O modelo é propriedade do sr. commendador Diogo José Macedo. Esteve na primeira exposição do Centro Artistico Portuense em 1881.

Alem destes, existem mais dois bustos, em gesso, de Camões, um pertencente ao Centro Artistico Portuense e que foi feito para as festas do centenario do poeta realisadas na Palacio de Crystal, e outro, propriedade do Atheneu Commercial e executado tambem para os mesmos festejos.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXIII

O ceo theologico e o ceo astronomico — Observações do Dr. Prayer sobre o desenvolvimento intellectual das creanças — Excerpto de Ernesto Renan — Platão definindo o amor, nas margens do Ilysso.

Um congresso de astronomos, diz o *Figaro* de Paris, deve reunir-se na grande capital do mundo civilisado, sendo necessariamente o Observatorio o logar indicado. Como um lampejo do seu muito saber, diz o chronista:

«Esses senhores vão levantar ou antes emendar o mappa do ceo.»

E ajunta com um sorriso de complacencia...:

«Occupar-se-hão do ceo por estes tempos, em que o livre-pensamento é epidemico (*de libre-pensée qui sevit*). Eis o que traduz uma certa coragem! (*Voilà qui trahit un certain courage*!).»

Isto diz um redactor do jornal dos mais auctorisados em França! Confunde o ceo theologico, onde Deus recebe as almas, julgando-as ou absolvendo-as segundo os merecimentos de cada uma, com o amplissimo espaço, incommensuravel no infinito, onde se libram milhares de mundos, e que os astronomos estudam e prescrutam com o auxilio de poderosos telescopios, sem se importarem com o dogma religioso, nem se preoccuparem com a morada das almas!

É muito para rir esta *innocencia* do *Figaro*, verdadeira *calinada*. E o que dirão os assiduos leitores do *Figaro*? Tomem luz d'esse fanal, e chamem tolos aos que desviam os olhos d'essa luz.

— São curiosas as observações do professor Preyer, e constituem uma chronica minuciosa da apparição e desenvolvimento de todos os sentidos e faculdades das creanças. Desde as lagrimas, que o professor analysa chimicamente em todo o espaço da puericia, até ao riso, que o professor nota como um signal da intellectualidade em progresso, não sem indicar a passagem do sorriso para o riso, assim como o *beijo*, que é tambem uma evolução, — o sabio allemão conseguiu archivar notaveis dados para uma melhor comprehensão da psychologia, esclarecida pela physiologia, no homem. Aos espiritos superficiaes e que sacrificam á banalidade, a obra do dr. Prayer poderá parecer ridicula, o que não impediu que esse trabalho tenha conquistado em elevado grau a consideração do mundo scientifico.

— É tão profundamente philosophico o excerpto da *vida de Platão* que Ernesto Renan publica em prefacio da *Abbesse de Jouarre*, que não podemos furtar-nos ao empenho de o darmos aos nossos leitores.

«......... Alguns dias depois de publicado o *Phedro*, Platão passeiava, para encontrar as recordações que tinha evocado, nas margens do Ilissus, no local onde o rio forma uma pequena cascata á entrada do *dromo*, ou campo de corrida. Euthyphronte, que se exercitava na carreira com alguns mancebos da tribu Cecropida, chegou-se-lhe bruscamente.

— Os athenienses não podem soffrer a tua ultima obra, disse-lhe elle. Um homem honesto que só pensa em casar as filhas não fala nunca do amor. Vae proseguir para longe nos teus sonhos maleficos. Dize: o que procuras aqui?

— Procuro, disse-lhe Platão, o logar exacto onde Boreas raptou a nympha Orithya. Pretendem alguns que foi n'este logar, pois que a agua é clara e tão bella, que as jovens não poderiam achar melhor logar para os seus brinquedos. Pensam outros que seria alguns estadios mais adiante, ao pé do templo de Diana caçadora. Alli ha, com effeito, um altar consagrado a Boreas.

— Sempre ideas pornographicas! replicou Euthyphronte. Torna-se-te n'uma verdadeira obsessão. Que te importa, dize-me, esse acto culpado de Boreas? Basta saber dos deuses e dos heroes o que elles fizeram digno de imitação. Alegra-me no entretanto fazer-te saber que d'aqui para o futuro morreste. Agora mesmo repete Athenas inteira: «*Sabei que o Phedro é uma sujidade*.» Eis o que produziu uma palavra de Euthyphronte. D'aqui ávante nunca mais se espalharão as copias das tuas obras; o futuro ha de ignorar o nome de Platão. A casa inteira de Atheneste fechar-te-ha as suas portas. Dei a palavra de ordem. Só te fica de resto a casa de Aspasia.

Euthyphronte pronunciou estas ultimas palavras com certo ar de despreso. Platão não poude reter um sorriso.

— Bello Euthyphronte, disse elle, nem o tempo presente nem o futuro pertencem á gente da tua especie. N'esse dialogo que tanto te promove a ira, julguei eu fazer obra nobre, poetica, elevada, moral. O nosso querido paiz de Athenas professa, com respeito ao amor, opiniões verdadeiramente estranhas e que collocariam a sabedoria divina, se tivesse de defender-se, n'uma posição singular. Pergunta nos que apologia se poderia fazer do Eterno se elle tivesse prendido o phenomeno capital do universo, a reproducção da vida, a um acto ridiculo, assumpto de eternas zombarias para uns, a um acto vergonhoso, objecto de reprovação para outros? E o que se deveria dizer d'esse extraordinario designio, o de ter creado a belleza, para depois prohibir que a amem? Para ser consequente seria necessario sustentar que a belleza é a obra de um demonio malefico, e é necessario tanto, quanto possivel, destruil-a. As blasphemias contra o amor são effeitos, como todos os grandes erros, de uma baixa concepção da divindade.

«Tenho de mim para commigo que a divindade, no que tem feito, bem fez. O amor é o verdadeiro Orpheu que tirou o homem do animal. Graças ao amor, todos os entes teem a sua hora de bondade, e á mais pesada creatura entreabre-se-lhe n'um dado momento o seu ceo de chumbo. O principio que na natureza faz a flor, que no mundo vivo faz a belleza, que no mundo humano faz a virtude, o encanto, o pudor, antolha-se-me alguma coisa grande, pura e santa. Este lado da realidade parece-me valer a pena de ser estudado. Creio que occupará um grande logar na philosophia do futuro, e que então julgar-se-hão egualmente tolas a bregeirice atrevida e os sustos hypocritas do pudor fingido. A verdade não deve subordi-

nar-se ás ninharias d'aquelles, que medem tudo pela sua fraca intelligencia.

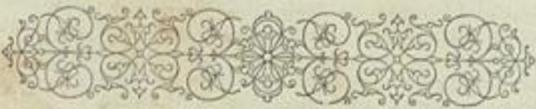
«Não tendo nunca profanado o amor, tenho mais que ninguem o direito de me occupar d'elle. Não estou resolvido a incommodar-me, nem pelos hypocritas, nem pelos libertinos Não sou responsavel da tolice de um alarve ao qual dessem um perfume precioso a cheirar e que, em vez de o cheirar, o engulisse. Escrevo para os que teem o coração puro. — No fundo, a relação dos dois seres é uma forma muito limitada e muito particular do amor. A mesma funcção que obriga o homem a abraçar a virtude pelo goso da mulher e impõe silencio ás suas objecções contra o destino á vista da graça cheia de gentileza com a qual a mulher se submette, essa funcção contribue para um trabalho dos mais abstractos; o amor collabora nas investigações do geometra e nas meditações do philosopho. O ente incompleto é esteril a todos os respeitos. Nunca julguei que a philosophia pudesse explicar o mundo sem levar em conta do que é a alma do mundo. Quiz que a minha obra fosse a alma do universo; reservei-lhe pois um logar para o amor.»

Euthyphronte, com o rosto transtornado pela ira, voltou as costas com o gesto de um homem que não quer ouvir. N'essa manhã o ceo e a terra trocavam beijos de extrema ternura: as abroteas estavam como que ebrias de orvalho, as cigarras loucas com o seu canto, e as abelhas enxameavam nas flores.

Platão internou-se nas veredas do Hymetto, e concebeu a idea do banquete em casa de Agathon, onde cada conviva daria a sua opinião a respeito do amor. Antigos escoliastes pretendem que, na redacção primitiva, Aspasia tinha logar ao lado de Socrates e de Aristophanes. Mais tarde, por motivos que se ignoram, Platão julgou que no seu dialogo só deveria haver homens.

Era assim que o velho mestre gostava de philosophar algumas vezes com um sorriso e a deitar por terra o affectado pudor dos espiritos mesquinhos.

João de Mendonça.

Gymnasio Lauret no Porto (Segundo uma photographia)

RESENHA NOTICIOSA

Retrato de Anselmo Braamcamp. O centro progressista celebrou em a noite de 19 do corrente uma sessão solemne nas suas salas da rua do Alecrim, para a inauguração do retrato de Anselmo Braamcamp, fallecido chefe d'aquelle partido. Presidiu á sessão o sr. presidente do conselho, José Luciano de Castro, e o sr. Oliveira Martins leu a biographia de Anselmo Braamcamp, o honrado chefe do partido progressista, a quem os seus correligionarios prestavam alli a justa homenagem da sua gratidão e respeito. Depois de lida a biographia pelo sr. Oliveira Martins, que foi muito applaudido, o sr. presidente convidou o sr. José Augusto Braamcamp, irmão do fallecido, a descobrir o retrato, que estava coberto por uma bandeira portugueza, e deu a palavra ao sr. dr. Antonio Candido. O distincto orador fez um discurso brilhante, pondo em relevo todas as virtudes de Braamcamp, fazendo a apotheose, emfim, do notavel estadista que por tantos annos occupou a presidencia do partido progressista A sessão terminou por um breve discurso do sr. dr. Alves da Fonseca, que propoz á assemblea para que ella approvasse um voto de agradecimento aos srs. Oliveira Martins e dr. Antonio Candido, pelo serviço que acabavam de prestar ao partido, concorrendo tão brilhantemente para a paga da divida d'este partido ao seu honrado chefe.

Representação. Os estudantes das escolas de bellas-artes de Lisboa representaram ao governo pedindo para que sejam abertos concursos para pensionistas no extrangeiro. Parece que o governo attenderá tão justo pedido, mandando abrir concursos para pintura, esculptura e architectura.

Exposição agricola. Vae realisar-se em Barcellos uma exposição de agricultura, iniciada e promovida pela Associação Agricola de Barcellos.

Offerta real. El-rei D. Luiz offereceu aos lavradores portuguezes 200:000 bacellos americanos creados nos viveiros de Mafra. Esta especie de cepa tem por emquanto resistido á invasão do mal da vinha, o que a torna preferivel.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario encyclopedico portuguez illustrado. Está publicado até á folha 20 ou paginas 160, alcançando até á palavra *adoptação.* Tem artigos eruditos, mas concisos o que lhes permitte ser breve sem ommissão do necessario, circumstancia, muito para attender em um livro d'este genero. E um bom trabalho litterario.

Melhoramentos do porto de Lisboa, ante-projecto dedicado ao ex.mo sr. conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, homenagem do grupo nacional, elaborado por M. A. Guérard, Lisboa 1886. Este importante assumpto que hoje chama todas as attenções de Lisboa com muito justo interesse, achase perfeitamente tratado no ante-projecto que temos á vista. Devide-se elle em sete capitulos da forma seguinte: Movimento maritimo e commercial do porto de Lisboa. — Programma dos melhoramentos a realisar. — Disposições geraes do projecto. — Disposições de detalhe das obras projectadas. — Detalhes de construcção. — Instalações do porto. — Conclusões. Tres plantas, sendo uma do porto conforme está, completam este trabalho que é um estudo perfeito da questão. Esperamos tratar em breve d'este assumpto no Occidente, e para então reservamos a apreciação minuciosa tanto d'este projecto como dos mais que se fizeram para as grandes obras, que se vão emprehender no porto de Lisboa, obras de que ha mais de um seculo se reconhece a necessidade, mas que diferentes causas tem impedido de se fazerem.

Grande diccionario contemporaneo francez-portuguez, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação e sob os auspicios de Victor Hugo, e revisto pelo ex.mo sr. Luiz Filippe Leite, vice-reitor do Lyceu Nacional de Lisboa, Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Concluio a publicação do primeiro volume francez-portuguez, e principiou a publicação do segundo volume, portuguez-francez, de que recebemos até folhas 2. O volume publicado cofirma o que já por vezes aqui temos dito a respeito d'este diccionario, o mais complecto que se tem publicado em Portugal.

Almanach Illustrado para 1887, propriedade de F. Pastor, director litterario J. Menezes. 5.º anno, Lisboa. Já está publicado este almanach, um dos mais interessantes que circulam no paiz.

A Imprensa, *revista scientifica, litteraria e artistica,* director Affonso Vargas, Lisboa. N.º 24 com que completou o primeiro volume e anno de publicação este periodico, uma das melhores publicações litterarias que tem sahido á luz n'estes ultimos tempos. *A Imprensa* promette continuar a publicar-se, sendo de esperar que lhe não falte o auxilio do publico que em verdade bem merece.

O Elegante, *jornal de modas para homens dedicado particularmente aos alfayates,* etc. David Corazzi, editor, Lisboa. Entrou no quarto anno de publicação este interessante periodico, unico no nosso paiz, e que satisfaz plenamente as exigencias da moda, publicando magnificos figurinos das ultimas novidades, tendo a vantagem sobre as publicações francezas d'este genero, de ser escripto em portuguez, o que facilita extraordinariamente a sua vulgarisação em Portugal.

Para 1887

Almanach illustrado do Occidente

6.º anno de publicação

O annuario mais completo e primorosamente illustrado que se publica em Portugal.

Á venda na Empreza do Occidente, Largo do Poço Novo, entrada pela Travessa do Convento de Jesus, 4, Lisboa.

Preço 200 réis, pelo correio 220 reis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.